

Criptojudaísmo e turismo cultural: Uma análise sob a perspectiva da semiótica da cultura

Paulo Carrelhas¹
Maria Manuel Batista²

Resumo: Este estudo analisa a história de uma pequena comunidade judaica, situada em Belmonte, Portugal, que resistiu durante cerca de 300 anos a uma violenta repressão da Inquisição portuguesa, através da manutenção de práticas criptojudaicas secretas, que constituem uma forma de judaísmo híbrido, único no mundo. Procuramos, através do paradigma da semiótica da cultura, compreender se a comunicação intracultural e intercultural entre as atuais comunidades judaicas e não judaicas, constituem ou não fenómenos coadjuvantes ou obstáculos na alavancagem da construção de um produto de turismo cultural.

Palavras-Chave: Criptojudaísmo; Cristãos-Novos; Semiosfera; Comunidade Judaica; Turismo Cultural.

Crypto-judaism and cultural tourism: an analysis under the perspective of semiotics of culture

Abstract: This study examines the story of a small Jewish community, located in Belmonte, Portugal, which endured for nearly 300 years, the violent repression of the Portuguese Inquisition, by maintaining secret crypto-Jewish practices, which are a form of hybrid Judaism, unique in the world. In this paper, we sought, through the paradigm of semiotics of culture, to understand whether intracultural and intercultural communication between the current Jewish and non-Jewish communities, constitute, or not, supporting phenomena or obstacles in leveraging the construction of a cultural tourism product.

Keywords: Crypto-Judaism; New Christians; Semiosphere; Jewish Community; Cultural Tourism.

¹ Doutorando do Programa Doutoral em Turismo da Universidade de Aveiro, Campus de Santiago, Aveiro, Portugal (pcarrelhas@sapo.pt)

² Docente e Investigadora do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro, Campus de Santiago, Aveiro, Portugal (mbaptista@ua.pt)

Introdução

A questão central desta investigação tem como propósito abordar a história de uma pequena comunidade judaica situada numa vila portuguesa (Belmonte) do nordeste de Portugal, distante dos grandes centros urbanos de Lisboa e Porto.

Trata-se da única comunidade judaica que resistiu de forma espantosa a um período de cerca de 300 anos (entre 1536 e 1821) à violenta ação do Tribunal da Santa Inquisição, que atuou ferozmente em toda a Península Ibérica.

Esta resistência foi possível pelo facto de esta comunidade se ter fechado sobre si mesma, tendo acabado por, ao longo dos anos, ter desenvolvido o fenómeno do criptojudaísmo. Esta forma híbrida de Judaísmo, única em todo o mundo, foi criada e conservada em ambiente doméstico, em segredo. Com efeito, durante séculos a sua transmissão realizou-se por tradição oral e foi protagonizada pelas mulheres desta comunidade.

O criptojudaísmo, e essencialmente a comunidade judaica a que respeita, constituem “Património Imaterial da Humanidade”, não só pelas suas práticas culturais curiosíssimas ainda hoje existentes, como também pelo simbolismo que representa a resistência notável à opressão, protagonizada durante séculos pela Igreja Católica e a Inquisição, que causou enorme sofrimento a milhares de pessoas, na Península Ibérica em geral e em particular na população portuguesa.

É também porque esta história contém uma notável mensagem de resistência e de esperança a todas as vítimas de opressão que, infelizmente, ainda hoje existem e são vítimas da intolerância religiosa (entre outras), que consideramos plenamente justificada esta investigação.

Atualmente, esta comunidade encontra-se em risco de desaparecimento, uma vez que a crise económica que afeta os países do sul da Europa e a conseqüente falta de emprego tem levado os jovens desta comunidade a emigrar, essencialmente para Israel. Pretende-se também que este estudo contribua para alertar as autoridades portuguesas para a necessidade de preservação deste Património Imaterial Cultural com características únicas no mundo.

Transformar a história e as práticas desta comunidade numa determinada experiência para o turista que visite Belmonte, contribuindo para converter esta realidade num produto turístico-cultural é outro dos objetivos do presente estudo.

A abordagem teórica que usaremos no contexto desta investigação é a semiótica da cultura (Lotman, 1996), que nos ajudará a compreender as dinâmicas desta comunidade, e nos permitirá propor, nesse contexto, uma intervenção na cultura e na comunidade referida, no sentido de construirmos a partir daí um objeto de turismo cultural.

Pretende-se compreender de que forma a semiosfera que compõe a atual comunidade judaica de Belmonte se organiza internamente e como interage com uma outra semiosfera: a da comunidade não judaica envolvente. Sendo realidades de sentido diverso e radicalmente não uniformes, pretende-se analisar em que condições este sentido assimétrico de ambas as comunidades poderá ser fator de “alavancagem” positiva para o desenvolvimento do fenómeno turístico da vila de Belmonte.

Estamos convictos de que o futuro desenvolvimento do destino turístico da vila de Belmonte irá depender fundamentalmente da apresentação de um conjunto de políticas públicas e iniciativas privadas que apostem no estímulo e preservação do “Património Imaterial Histórico-Cultural” desta comunidade em geral e do criptojudaísmo em particular; A proposta visa a compreender, a partir do paradigma da semiótica da cultura, as relações entre comunidades judaicas e não judaicas, nomeadamente de que forma estão estruturadas as respetivas semiosferas em dimensões como o diálogo, o contato cultural, os fenómenos “*buffer*”, bem como fronteira e centro semiótico, que funcionarão como “ponto de partida” para a implementação de políticas e práticas de gestão de territórios e *marketing* territorial, que incidam numa efetiva colaboração em “rede”, por parte de todos os *stakeholders* envolvidos, por forma a desenvolver o turismo recetivo desta região.

Sublinhe-se ainda que o turismo cultural constitui um instrumento fundamental para combater o excesso de oferta hoteleira atualmente existente e, também, como fator estruturante da fixação de populações no interior do país e de combate à atual tendência de desertificação dos territórios mais afastados dos grandes centros urbanos de Portugal (SAUR; AMARAL, 2013).

Este trabalho desenvolver-se-á através de uma: (i) revisão da literatura; (ii) a apresentação da metodologia de investigação; (iii) Investigação empírica; (iv) terminando com uma discussão dos resultados a que chegámos e principais conclusões e recomendações.

A História de Belmonte - Memorial do Solstício de Inverno ou ‘Tempo de Névoa’.

Belmonte é uma vila situada no Distrito de Castelo Branco, entre as cidades da Covilhã e Guarda, com uma população de cerca de 3.100 habitantes (SAUR; AMARAL, 2013). As origens desta vila remontam ao século XII, quando recebeu o Foral de D. Sancho I, em 1199.

Ilustração 1: Localização no território português de Belmonte



Fonte: Autorial própria, 2015.

O património histórico desta vila está também ligado aos descobrimentos marítimos portugueses, uma vez que foi aqui que nasceu Pedro Álvares Cabral, em cuja casa se encontra, atualmente, o Museu dos Descobrimentos.

A cidade de Belmonte abriga uma comunidade judaica *sefardista*, expressão que se refere aos judeus originários de Portugal e de Espanha. Crê-se que os judeus chegaram à Península Ibérica por volta do ano 587 A.C., na sequência da conquista de Jerusalém por Nabucodonosor (MARTINS, 2011). Uma outra perspetiva dos historiadores será a de que os judeus chegaram após a destruição, em 70 D.C., do segundo templo pelo imperador romano Tito (MARTINS, 2011).

Após um longo período de consolidação das comunidades judaicas em Portugal, em 1496, influenciado pelos acontecimentos relacionados com a Inquisição em Espanha, o Rei D. Manuel I decretou a expulsão dos judeus, tendo assinado em Muge um decreto que impunha a

saída a todos os que não professavam a religião católica, caso não aceitassem o batismo, sob pena de morte, até 31 de Outubro de 1497 (SANCHES, 2010).

Temendo, no entanto, que essa medida afetasse a economia do país, o Rei procurou impedir a sua saída e decretou uma conversão forçada dos judeus, que, a partir desse momento, se designariam de cristãos-novos. Seu filho, D. João III, acabou por estabelecer a Inquisição em Portugal. O terror inquisitorial levou muitos cristãos-novos a exilarem-se para poderem desenvolver as suas atividades económicas e a assumir a sua verdadeira religião.

Os tribunais peninsulares da Inquisição, estabelecidos em Espanha em 1478 e em Portugal em 1536, afastaram-se inicialmente do sentido que conhecemos das práticas medievais inquisitoriais, tendo sido a cobiça pelos bens dos judeus o seu mote principal (MARTINS, 2011).

Entre a segunda metade do século XVI e o terceiro quartel do século XVIII, os cristãos-novos viveram uma interminável e amargurada luta pela sobrevivência ao terror inquisitorial.

O seguinte quadro de penitenciados apresenta uma síntese das atividades de terror desenvolvidas pela Inquisição durante este período, nos tribunais de Lisboa, Coimbra e Évora:

Quadro 1: Penitenciados nos Autos-de-Fé (1536 a 1732)

RUBRICAS	LISBOA	COIMBRA	ÉVORA	TOTAIS
PENITENCIADOS	6.262	8.138	8.668	23.068
RELAXADOS EM CARNE ³	366	335	331	1.032
RELAXADOS EM ESTÁTUA	132	159	131	422
TOTAIS	6.760	8.632	9.130	25.522

Fonte: (MARTINS, 2011)

Esta repressão fez sobressair na população de cristãos-novos de Belmonte um espírito de resistência, criando-se, a partir daqui, duas vivências distintas no que aos judeus diz

³ Os Relaxados correspondiam aos condenados à morte, na linguagem técnica utilizada na época. Os Relaxados em carne eram mortos por garrote ou queima ao vivo. Os Relaxados em Estátua eram os condenados ausentes (que haviam falecido nas prisões ou fugitivos), representados por imagens de papelão. Os Penitenciados são condenados a outras penas (ALMEIDA 1971).

respeito: O judeu de Belmonte (e também de outras partes do país), agora cristão-novo, em público opta pela imposta religião católica enquanto, em privado, em ambiente familiar, continua a professar a religião judaica. No caso de Belmonte, pelo forte fechamento da comunidade, com o tempo foi perdendo algumas das suas características tradicionais e adquirindo um sentido híbrido que, pelo isolamento relativamente às suas congêneres se vai afastando da pureza original do judaísmo. É este hibridismo que hoje é designado por criptojudaísmo (SANCHES, 2010).

Deste modo, no seio dos cristãos-novos que permaneceram em Portugal entre as terras interiores das Beiras e de Trás-os-Montes, surge esta espantosa emergência, nomeadamente em Belmonte, de um criptojudaísmo muito específico, correspondendo a uma forma “híbrida de judaísmo” e única no mundo. Com efeito, esta realidade surge da necessidade da comunidade manter secretamente a sua fé no judaísmo, transmitindo as suas práticas por via oral, particularmente através das mulheres desta comunidade. Com o passar dos anos, os judeus de Belmonte desenvolveram uma forma de sincretismo que, neste caso, correspondeu a uma mistura mais ou menos confusa de práticas híbridas do judaísmo, algumas delas esquecidas com o passar dos anos.

Esta comunidade desenvolve uma forma própria de judaísmo: cumprem-se os jejuns do *Yom Kippur*⁴ e celebra-se a Páscoa Judaica⁵ em Março (que se chamava Santa Festa em Belmonte), comendo o pão ázimo. Guarda-se o *Sabat*⁶, acendendo uma lâmpada. Praticam-se rituais judaicos no casamento, primeiro celebrado em casa e depois na Igreja Católica (MARTINS, 2011). Por outro lado, e no contexto destas práticas de criptojudaísmo, não se cumpriam os preceitos essenciais do judaísmo normativo, entre eles a circuncisão e a alimentação *Cosher*⁷ (MARTINS, 2011).

No entanto, os judeus de Belmonte preservaram o *Sabat*, a *Pessah* e o *Yom Kippur*. Os cristãos-novos de Belmonte desconheciam a distinção entre carnes permitidas e proibidas (não degolando ritualmente os animais e consumindo carne de porco). Do mesmo modo, não sabiam que o judaísmo se celebrava em hebraico, nem sabiam da existência de outras comunidades judaicas. Foram as mulheres que guardaram as tradições e as transmitiam de

⁴ O *Yom Kippur* é a mais sagrada das festas judaicas, na qual os Judeus jejuam para expiar os seus pecados;

⁵ Na Páscoa judaica, Pessá, comemora-se a fuga do povo judaico da escravidão no Egito, celebrada durante oito dias na Primavera; *Matza*, pão ázimo cozido pelos israelitas durante o êxodo do Egito, que leva farinha e água como únicos ingredientes e que se come durante a Pessá (ZIMLER, 2013).

⁶ Dia semanal de descanso, deriva do hebraico *shabat* “cessar”;

⁷ *Cosher*- Próprio para consumo humano segundo as regras alimentares judaicas (ZIMLER, 2013).

geração em geração. Foi precisamente este sincretismo que caracterizou o criptojudaísmo em Belmonte (MARTINS, 2011).

Em 1765, realizou-se em Portugal a última execução de cristãos-novos em auto-de-fé, (duas mulheres acusadas de judaizarem). Essa hostilidade antijudaica só viria a alterar-se em Portugal no último quartel do século XVIII. Marquês de Pombal, já em pleno “Século das Luzes”, viria a proporcionar um renovar de argumentos contra o anacrónico tribunal religioso. Além disso, ele tinha uma visão regalista, impondo a supremacia temporal ao poder espiritual (MARTINS, 2011).

Com o decreto do Rei D. José I, em 1773, que equipara o estatuto dos cristãos-novos ao dos cristãos-velhos, deu-se o primeiro passo para o fim da perseguição dos cristãos-novos em Portugal, embora a Inquisição só se extinga definitivamente em 1821 (MILGRAM, 2010).

Belmonte constitui de certa forma aquilo que consideramos um legado de Património Cultural Imaterial único na Península Ibérica, o de uma comunidade isolada do interior no país que conseguiu preservar uma forma híbrida de judaísmo única no mundo: um criptojudaísmo que dura há cerca de 300 anos.

O potencial de atração da cultura específica desta comunidade no contexto da atividade turística é em nossa opinião, imenso. Assim saibam os *stakeholders* trabalhar devidamente este campo cultural, adaptando às específicas circunstâncias da atividade turístico-cultural.

Semiótica, Cultura e Turismo

Esta investigação procura através do paradigma teórico da semiótica da cultura (LOTMAN, 1996), utilizar conceitos como diálogo, contato cultural, fenómenos “*buffer*”, fronteira, centro e periferia semiótica, compreender as principais dificuldades da comunicação intracultural e intercultural que caracterizam as atuais comunidades judaicas e não judaicas de Belmonte, fenómenos que são centrais na construção de um produto de turismo cultural.

A semiótica da cultura consiste numa: “[...] disciplina que examina a interação de sistemas semióticos diversamente estruturados, a não uniformidade interna do espaço semiótico e a necessidade do políglotismo cultural e semiótico [...]” (LOTMAN, 1996, p.78). Partindo deste paradigma teórico, procura-se compreender de que forma as culturas judaicas e não judaicas de Belmonte, comunicam entre si e internamente, quer dizer, como se estruturam e funcionam.

É através da compreensão da comunicação intracultural e intercultural que tentaremos detectar que obstáculos/oportunidades existem para que os diversos *stakeholders* de Belmonte procurem sinergias, de forma a melhor transmitir e preservar a memória coletiva, que não é um mero repositório de dados históricos, mas uma seleção particular de entre os inúmeros enunciados de índole muito diversa que cada cultura produz (BAPTISTA, 2008).

A semiosfera, teoria sistémica aplicada por Lotman à cultura, correspondendo por analogia ao conceito de Biosfera e com ligações à racionalidade do ser humano, desenvolve-se a partir de níveis que vão desde o homem ao texto isolado, até unidades semióticas globais. Tais níveis estão interconectados e cada um participa no diálogo integrado na semiosfera e no espaço de diálogo que corresponde ao todo da semiosfera (BAPTISTA, 2008).

Partindo deste quadro teórico, o estudo, incidindo sobre a comunidade judaica de Belmonte analisará aspetos de homogeneidade semiótica, o seu grau de “fechamento/abertura, e em particular o funcionamento da “fronteira”. Serão analisados na nossa investigação empírica os padrões de comunicação interna e externa, tendo como objetivo final perceber de que forma poderemos potenciar o turismo cultural desta região.

A articulação entre a cultura e o turismo será inevitável, uma vez que ambos têm a vindo assumir uma posição cada vez mais relevante no mundo e sendo alvo de crescente atenção por parte da economia global (CROUCH, G., RITCHIE, 1999).

As sociedades atuais encontram-se de forma crescente expostas a um processo de globalização e de competitividade, que tende a uniformizar os nossos hábitos e padrões de vida. O nosso estudo pretende precisamente contrariar esta tendência ao tomar como objeto de estudo uma singularidade cultural: o criptojudaísmo e a comunidade judaica viva de Belmonte, que representam um património imaterial único no mundo, ao mesmo tempo que sinaliza a resistência desta comunidade durante 300 anos face à violenta repressão inquisitorial. O facto de ainda hoje se registar a manutenção de práticas criptojudaicas representa uma outra forma de resistência a forças muito mais poderosas que a Inquisição e, neste caso, referimo-nos à Globalização.

Promover o turismo cultural consiste em diferenciar os diversos destinos turísticos, e no caso de Belmonte este aspeto é essencial, pois que ele não pode deixar de ser apresentado na sua especificidade, mostrando aquilo que têm de diferente. Com efeito, é a cultura e a identidade cultural de um destino turístico que permitem diferenciá-lo, frequentemente no que

diz respeito às tradições, crenças e valores das comunidades (COSTA, I., PEREIRA, H., Patuleia, 2012).

É preocupação desta investigação compreender os modos como comunicam os diferentes intervenientes deste sistema, procurando conhecer e ultrapassar os obstáculos existentes na comunicação dialógica entre os diferentes interlocutores, buscando, simultaneamente, a reciprocidade e a mutualidade no intercâmbio da informação entre e dentro das semiosferas da comunidade judaica e não judaica.

O estudo e a interligação entre os conceitos de turismo e cultura e a exploração deste nicho de mercado a aplicar a Belmonte constituem áreas de estudo que têm, como objetivo último, a preservação desta comunidade e do património imaterial que constitui o criptojudaísmo.

Metodologias e Técnicas de Análise

Para concretizarmos esta investigação, procurámos fazer uma revisão bibliográfica, na qual procedemos a uma seleção de informação e análise documental (livros, revistas científicas, estatísticas e documentos da Empresa Municipal da Câmara Municipal de Belmonte) sobre o nosso objeto de estudo.

Procurámos, numa primeira fase, estudar a história da presença dos judeus em Belmonte, nomeadamente quando Rei D. Manuel I decretou a expulsão dos judeus em dezembro de 1496, a sua conversão ao cristianismo em 21 de abril de 1497, até à extinção da Inquisição decretada pelas Cortes Constituintes, em 31 de março de 1821.

Em seguida, numa segunda fase, procurámos enquadrar os conceitos de semiótica, semiosfera, cultura, turismo, gestão do território, posicionamento e diferenciação, como ponto de partida para a abordagem ao nicho de mercado que representa o turismo cultural judaico em Belmonte.

Foram utilizadas novas ferramentas de Tecnologias de Informação e Comunicação (T.I.C.), tal como o Mendley, Scopus e os repositórios RCAP e RIA.

A metodologia usada foi a Qualitativa, procurando, numa primeira abordagem de observação de campo, que área do turismo constituem práticas comuns (VEAL, 2006).

Numa segunda abordagem, na vila de Belmonte, entrevistamos em dezembro de 2014, diversos *stakeholders*, intervenientes no processo de ‘turistificação’ desta comunidade e

do seu património imaterial: profissionais da Câmara Municipal de Belmonte; Rede de Judiarias, Museu Judaico, Autarcas da região, do concelho da comunidade sefardita de Jerusalém e membros da comunidade judaica. Em Coimbra, entrevistamos a Diretora da Agência Regional de Promoção Turística do Centro (A.R.P.T.C.), organismo encarregado da promoção externa da Região Centro de Portugal. Para a concretização destas entrevistas, foram propostas nove questões abertas, previamente elaboradas, embora, no decorrer de cada entrevista, outras questões tivessem surgido, de modo a complementar ideias, ou áreas não abordadas inicialmente.

As entrevistas foram integralmente transcritas, utilizando um dispositivo de gravação próprio para o efeito; numa das entrevistas, o interlocutor não permitiu a gravação, pelo que, tomamos notas escritas.

A Investigação Empírica

As entrevistas foram orientadas no sentido de dar resposta às questões de investigação colocadas. Ou seja, pretendia-se compreender de que forma a semiosfera, que compõe a atual comunidade judaica de Belmonte, interage entre si e com a semiosfera da comunidade não judaica. Sendo realidades de sentido diverso e radicalmente não uniformes, quisemos saber até que ponto os modos de interagir e comunicar entre si constituem ou não um fator de “alavancagem” positiva para o fenómeno turístico-cultural da vila de Belmonte.

- **Fronteiras semióticas**

Quanto ao grau de “fechamento” da comunidade judaica, os testemunhos obtidos junto a ambas comunidades coincidiram que, não obstante, aquela se tenha aberto de forma progressiva ao longo dos últimos anos fomentada pelo fenómeno turístico, ainda conserva algum grau de fechamento.

Diversos testemunhos da comunidade não judaica apresentaram o seguinte teor:

Eles não falam muito, algumas pessoas, por exemplo o Sr. xxx, já têm uma maneira diferente de ver e conta muito mais. O Sr. yyy que vai falar com ele hoje, ele fala mas não diz tudo. Ele esconde muita coisa, mas isso é porque eles foram sempre habituados a esconder e é por isso que não se abrem tanto ao turista. Abrem as suas portas, mas quando fazem perguntas mais específicas... Como eles sobreviveram, eles não contam tudo.

[...] Há uns que se abrem mais do que os outros, guardam sempre um segredo. Eles na visita à Sinagoga falam da data da construção, quem ajudou à construção, o porquê de ter dois pisos, dos homens e das mulheres. Também falam um bocadinho

da decoração da Sinagoga e depois quando vêm as perguntas mais diretas eles “escondem” um bocadinho.

Eu não posso dizer que [a comunidade judaica] é somente aberta porque algumas coisas eles guardam para eles, mas é normal. Porque ainda hoje em dia eles têm algum receio [...]

Quanto à comunidade judaica, quando interrogada sobre este mesmo tema, elaborou algumas respostas bastante significativas que essencialmente corroboram esta afirmação de um judeu de Belmonte que entrevistamos: “... [os turistas] vêm à procura daquilo que eles [os antepassados] mantiveram em segredo, ou que nós temos em segredo ainda, nas nossas tradições e na nossa cultura e que não é visível para a maioria da população.”

As respostas dos elementos de ambas as comunidades são coincidentes e, caso não tivéssemos feito a devida referência a que comunidades pertencem, não teria sido possível identificar quaisquer diferenças de discurso.

Não obstante terem decorrido cerca de 200 anos após a extinção dos Tribunais do Santo Ofício e de se observar uma progressiva abertura desta comunidade, a que não está alheio o fenómeno turístico, é ainda possível observar, nos dias de hoje, fronteiras semióticas perfeitamente definidas e semifechadas na comunidade judaica.

- **Núcleo e Fronteira de Semiosfera**

Foi ainda nosso objetivo compreender em cada uma das semiosferas qual o seu núcleo e fronteira. Concluimos que a semiosfera não judaica em Belmonte é similar a todas as vilas/cidades portuguesas, ou seja, sociedades abertas, democráticas e descentralizadas cujo núcleo é constituído fundamentalmente pelo poder autárquico. A semiosfera judaica sendo pequena tem um núcleo bem definido, é constituída por um núcleo muito limitado de indivíduos, no qual se destaca o Rabi e alguns anciãos, o presidente da comunidade e o tesoureiro, sendo que a organização que está mais próxima da fronteira é fundamentalmente representada pela associação de jovens judaicos.

Quais são os principais elementos que a compõem? Há o presidente da comunidade judaica, que representa o núcleo da comunidade?

Exatamente,

Quem mais pertence a esta comunidade que constitui o grupo principal?

Eu não sei a constituição toda da comunidade, se calhar o Sr. xx consegue-lhe dar mais informações em pormenor não tenho aqui comigo, mas as pessoas que sobressaem na comunidade judaica neste momento é o xxx que é o presidente da comunidade, o Sr. yyy também faz parte da comunidade, pai do xxx, o Sr. zzz que é o tesoureiro, e basicamente são as “caras” da comunidade judaica, depois temos

muitas mais pessoas que fazem parte, mas as pessoas que sobressaem são estas [...] basicamente as “caras” da comunidade são eles os três.

Já na fronteira desta semiosfera, identificámos os jovens da comunidade judaica

Mas aquilo que nós [comunidade não judaica] sentimos cá fora é que existe uma certa rivalidade, entre a comunidade e a associação de jovens.

[...] Associação de jovens que era muito orgânica, pronto eles reúnem-se e fazem realmente trabalhos para depois exporem [...]

Para além disso, ou precisamente devido à sua posição um tanto excêntrica na comunidade, como já referimos, verificámos que os testemunhos indicam-nos que os jovens judeus de Belmonte assumem uma posição independente em relação aos mais velhos e procuram comunicar com o exterior através da realização de um conjunto de atividades, nas quais buscam sublinhar a sua identidade e algum grau de autonomia face ao centro semiótico.

Quanto à semiosfera não judaica, o seu núcleo é o comum a qualquer vila portuguesa, constituída pelo poder político autárquico, eleito democraticamente.

Quem são os interlocutores não judeus aqui em Belmonte? Quem são os líderes, vá lá?

Mas da comunidade ou ...

Não fora.

O Presidente da Camara, exatamente, depois o Presidente da Assembleia Municipal, depois o presidente da empresa municipal também tem algum peso junto da comunidade.

Em suma, enquanto a comunidade judaica é orgânica e internamente organizada, a comunidade não judaica de Belmonte organiza-se em termos políticos, obedecendo a uma organização nacional e procurando articular os interesses culturais dos cidadãos a um nível essencialmente formal e político-administrativo válido para todo o território português.

- **Integração e Homogeneidade Interna da Semiosfera Judaica**

Procurámos, ainda, que as nossas análises revelassem o grau de integração e homogeneidade interna de ambas as semiosferas, mas, em particular, analisando detalhadamente a semiosfera judaica de Belmonte.

A investigação que conduzimos revelou claramente que existem diferentes posicionamentos dentro desta semiosfera. Nomeadamente entre a direção da comunidade por um lado e os restantes membros por outro, bem como e entre a geração dos sujeitos mais velhos e a geração mais jovem, como se pode verificar no excerto de uma das nossas entrevistas a seguir:

Esta comunidade é unida?

Dentro da comunidade é um bocadinho complicado, porque há sempre uma rivalidade entre eles. Vai-se aperceber certamente ao falar com alguns membros da comunidade. Há uma Direção, a Direção é o Sr. Xxx, o Sr. yyy e mais alguns elementos, mas depois a restante comunidade está sempre atenta ao que se faz, e está sempre a tentar encontrar algum ponto menos forte. Mas depois quando há eleições para a comunidade ninguém quer concorrer.

É uma “oposição” sem querer concorrer?

Exatamente, dentro da comunidade há uma relação não muito fácil, mas convivem relativamente bem.

Pode-se dizer que existe um grupo de pessoas mais velhas e outra mais jovens?

Podemos dizer isso também.

E que características diferenciadoras entre as pessoas mais velhas e as pessoas mais jovens, por exemplo na sua relação para fora da comunidade?

Para fora da comunidade a relação é basicamente a mesma, tanto os jovens como as pessoas de mais idade dão-se bastante bem com a restante comunidade, mas lá está, dentro do grupo há as tais rivalidades [...].

Com efeito, e pelo que pudemos compreender, também a partir da observação de campo que fizemos, não há uma leitura unânime e integrada dos rumos que esta comunidade judaica deve tomar, especificamente em relação ao grau de abertura que deve permitir, sobretudo em contexto de forte pressão do exterior (começando pela forte pressão do turismo cultural e religioso de que Belmonte tem sido objeto nos últimos anos).

- **A comunicação inter-semiótica – judeus e não judeus de Belmonte**

No que se refere à comunicação entre judeus e não judeus em Belmonte, e a partir da análise das entrevistas que realizamos, verificámos que os elementos judeus e não judeus coincidiram na opinião de que a comunicação inter-semiótica entre ambas as comunidades é satisfatória, inexistindo antissemitismo

Quando, por exemplo questionámos um membro da comunidade não judaica sobre se haveria tensões entre ambas as comunidades, foi-nos garantido que não: ‘Não, não mesmo’.

Quanto ao discurso de membros judeus, ele foi no mesmo sentido:

E o relacionamento com a comunidade não judaica?

É normal

Têm-me dito que é muito bom

Não temos problemas nenhuns, felizmente. Acho que conseguimos todos conviver.

Verifica-se, assim, a coincidência de opiniões quanto à existência de uma boa comunicação entre ambas as comunidades. Note-se que a sobrevivência destes judeus durante

o período inquisitorial também se deveu ao bom relacionamento histórico entre ambas as comunidades, sendo natural que ainda hoje se verifique de forma tão marcante este discurso unanime em todas as entrevistas que realizámos.

- **Memória Pancrónica**

Quanto às práticas criptojudáicas que ainda subsistem, os entrevistados tem consciência de uma certa erosão da comunidade:

Quanto à questão sobre o atual estado da comunidade, manifestou preocupação pela diminuição dos seus membros quer por falecimento, quer por emigração dos mais jovens para Israel. Demonstrou preocupação pela inexistência de empregos, dando como exemplo o Museu Judaico que não emprega nenhum judeu. Referiu que isto não se deve a nenhum tipo de discriminação por parte da comunidade não judaica e reiterou o bom relacionamento existente. Porém considerou existir falta de apoios dos organismos públicos. Referiu que o comércio está em grande crise pelo que propõe soluções ao nível governamental.

O relato transcrito a seguir é um exemplo esclarecedor de como a comunidade judaica de Belmonte reconhece que foi perdendo memória ao longo dos tempos.

Antigamente só se faziam duas festas em Belmonte que era o Sabat e era a Páscoa que á, a Pessá e havia uma tia da minha sogra que fazia Sucot e que a chamavam de “maluca” naquela altura e agora vendo na realidade a senhora tinha razão. Ia para um campo com oliveiras e fazia a cabana, permanecia e comia [...]

[...] Conseguiu ao contrário de todos os outros membros manter esta tradição. Certo que é uma tradição judaica?

Sim, se formos aos tempos de hoje diremos que ela tinha mais do que razão. Esta história foi-me contada pela minha sogra, que Deus a tenha em descanso e esta história ficou-me na memória.

Ou ainda sobre o criptojudaísmo:

Há algumas práticas de Criptojudaísmo que ainda existem, de certa forma, não?

Há pessoas mais antigas mas que ainda não abandonaram.

Muito pouco...

Muito pouco, aqui em Belmonte já há muito pouco, mas nunca abandonaram, não se habituam estão bem digamos assim. Continuam a ir à Sinagoga fazem os ritos da Sinagoga, mas em casa ainda continuam com aquelas rezas antigas

Sim, ainda fazem

Ainda assim, os entrevistados reconhecem nos seus usos e costumes um património imaterial único em todo o mundo. É o caso da descrição que um entrevistado faz sobre os rituais relacionados com o casamento, ainda hoje praticados por parte significativa da comunidade judaica e que constitui uma das faces do criptojudaísmo:

Os casamentos de qualquer das formas eram feitos primeiro em casa e depois na igreja católica. Há aí uma história de um senhor que se casou não sei quantas vezes, já me contaram, com a mesma senhora mas que fazia.....

Eu também...

Conte lá a história (risos de todos)

Primeiro casei-me pela lei judaica antiga, em casa...

Mas como ele quase toda a gente...(filha)

Depois casámos pelo civil, depois casámos pela igreja e depois casámos pela lei judaica.

Eu conheço pessoas que são casadas 4 vezes, mas com pessoas diferentes (risos).

Eu fui com a minha esposa e quase todos estão nessa situação. Mas o que valia era a primeira, para nós o que valia era o casamento que se fazia em casa. Que lá está vai dar ao de hoje, o casamento judaico. Hoje os noivos estão em jejum, fazem o jejum...

Discussão dos Resultados, Conclusões e Recomendações

A verificação da continuação das práticas criptojudaicis por parte da comunidade judaica de Belmonte revela uma marca identitária ainda muito forte, que permite estabelecer uma nítida distinção entre as comunidades judaica e não judaica. Estes atributos permitem efetuar uma análise S.W.O.T. com possíveis evidentes ganhos no que diz respeito à estratégia de diferenciação e posicionamento deste destino turístico e onde a literatura científica na área do turismo tem vindo a ser objeto de vários estudos (ASTOUS, G., e BOUJBEL, 2007); (BALOGLU, S., e McCLEARY, 1999); (DOLNICAR, S., e GRABLER, 2004); (ENRIGHT, M., e NEWTON, 2005); (KIM, S., SUN, H., e AP, 2008); (KOZAK, 2002); (PIKE, 2009); (WOODSIDE, A., PEARCE, B., e WALLO, 1989).

Concluimos que a existência de uma boa inter-relação entre as semiosferas judaica/não judaica foram historicamente decisivas para a sobrevivência desta comunidade e que ainda perdura nos dias de hoje.

Apesar dessa boa convivência, uma análise mais fina revela existirem duas correntes dentro da semiosfera da comunidade judaica: uma corrente mais conservadora e fechada, composta por elementos mais idosos e que “constituem o núcleo central” da semiosfera, e uma outra relativamente independente da primeira, liderada pela Presidente da Associação de Jovens situada na “fronteira” semiótica. Confirma-se o caráter “poliglota” desta cultura, no seio da própria comunidade e capacidade de esta associação vir a desempenhar um papel ‘buffer’ (de tradução cultural, por exemplo). Este papel pode estar ameaçado pelo fato de ainda se verificar ao nível das entidades públicas locais uma falta de estratégia global de proteção à comunidade judaica, nomeadamente quanto à necessidade de garantir empregos a

jovens judeus, por forma a contrariar o crescente fenómeno de emigração para Israel, colocando em perigo de sobrevivência da sua comunidade e do património imaterial do criptojudaísmo que em Belmonte se caracteriza por possuir uma “comunidade viva”.

A comunidade não judaica estrutura-se a partir de um núcleo político-administrativo local, comum a todas as vilas/cidades portuguesas, sendo “aberta” e democrática, inexistindo antissemitismo. Todos os entrevistados coincidiram na opinião de que existe um forte motivo de atração por parte dos turistas judeus pelo património cultural imaterial, que se consubstanciou na resistência da comunidade judaica de Belmonte a aproximadamente 300 anos de Inquisição portuguesa, com o aparecimento das práticas de criptojudaísmo (que consistiram no aparecimento de práticas híbridas de judaísmo), única no mundo.

Verificou-se, ainda, que alguns rituais criptojudaicos continuam bem “vivos”, como no caso dos casamentos em que boa parte da comunidade “casa” quatro vezes: pelo ritual judaico antigo (em casa e correspondente ao criptojudaísmo); no Registo Civil, pela Igreja Católica e pela religião judaica (mas, como afirmaram os entrevistados, para eles o que conta é o casamento em casa). As pesquisas focadas quer na cultura, quer na psicologia individual, identificam a influência da cultura nos indivíduos (COOPER, C., & DENNER, 1998). Porém, o reverso também se verifica, os indivíduos também influenciam a cultura (DiMAGGIO, 1997).

Quanto à questão da semiosfera da comunidade judaica de Belmonte e da sua interação com a semiosfera da comunidade não judaica constituir ou não fator de alavancagem positiva para o fenómeno turístico da vila de Belmonte, esta resposta pode ser considerada subdividindo-a em duas partes:

Como se demonstrou durante esta investigação, as inter-relações entre a semiosfera da comunidade judaica e não judaica foram durante o período da Inquisição de sentido essencialmente amistoso (o que permitiu a sobrevivência daquela comunidade). Nos dias de hoje, este bom relacionamento mantém-se, o que contribuiu para uma maior alavancagem do turismo cultural/religioso judaico, através de uma maior abertura da comunidade judaica a este fenómeno.

Não obstante termos nos deparado com uma razoável organização local quanto à operacionalização do turismo (técnicos com formação turística), verificámos que o criptojudaísmo e a frágil comunidade judaica de Belmonte se encontra atualmente ameaçada, nomeadamente quanto à crise económica que afeta o nosso país, o que tem provocado uma

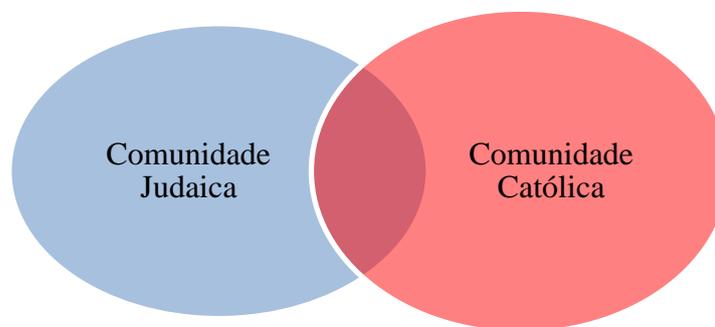
emigração da comunidade mais jovem para Israel. Atualmente, existem cerca de 120 indivíduos e apenas 15 jovens). O envelhecimento desta comunidade coloca-a em evidente perigo. Soma-se a esta situação a inexistência, que a nossa investigação verificou, de uma política promovida pelo Estado português de proteção a esta comunidade, fomentando, por exemplo o emprego jovem na área do turismo ou da cultura.

Por outro lado, a globalização e as diversas influências exteriores têm levado a um progressivo abandono das práticas criptojudáicas, impedindo com isto um melhor aproveitamento do turismo (portanto um alavancamento negativo) e com o perigo de este património “vivo” desaparecer num futuro próximo.

Apresentamos a seguir uma representação gráfica das semiosferas culturais presentes em Belmonte, representações que nos permitem compreender com maior clareza que, embora no passado esta comunidade tenha enfrentado enormes desafios, a sociedade moderna mais complexa e sofisticada, coloca ameaças ainda maiores a esta comunidade.

I) No passado:

Ilustração 2: Semiosferas judaica/não judaica do passado

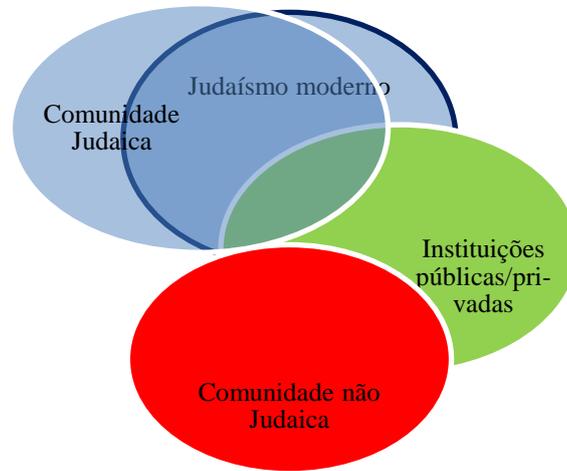


Fonte: A autoria própria, 2015.

- Sistema rígido, comunidade católica dominante; Proibição de culto religioso judaico; Punição física.

II) No presente:

Ilustração 3: Semióticas judaica/não judaica no presente



Fonte: A autoria própria, 2015.

- Sistema rígido e mais complexo; Judaísmo moderno (sionismo) como influência ordenadora externa - fator de atração da comunidade judaica de Belmonte para Israel; comunidade não judaica com interesse sobretudo económico; Inexistência de antissemitismo e boa interação entre as semiosferas judaica/não judaica; Instituições públicas (ao nível nacional) não sensibilizadas para o iminente desaparecimento do criptojudaísmo e da sua comunidade “viva” judaica; Crescente presença de organizações privadas no território com interesse sobretudo económico na região.

Como referimos na primeira parte deste texto, esta investigação teve por objetivo tentar compreender a comunidade judaica na sua semiosfera e na ligação com a semiosfera da comunidade não judaica, procurando compreender o modo como estas interações podem potenciar ou dificultar o turismo cultural que tem a comunidade judaica de Belmonte como objeto.

Podemos concluir que a relação histórica e no presente entre as semiosferas de ambas as comunidades são um fator positivo e podem contribuir para alavancar o turismo cultural de Belmonte. Todavia, o Estado português ao não promover políticas ativas de proteção da comunidade judaica e o não promover ativamente o reconhecimento do criptojudaísmo como património imaterial único no mundo pode vir a deparar-se a curto ou médio prazo com a erosão desta comunidade e das suas práticas, levando à extinção do Turismo Cultural de que Belmonte tem sido alvo nas últimas décadas.

Deste modo, e na sequência da investigação que conduzimos, as nossas principais recomendações são as seguintes:

- Dotar os jovens da comunidade judaica de formação turística/cultural, por forma a valorizar e aproveitar o seu conhecimento e vivência do criptojudaísmo;
- Empregar no museu judaico e em outras áreas ligadas ao turismo/cultura judaico, membros desta comunidade, como forma de esta partilhar a experiência vivida com os turistas (judeus e não judeus) que visitam Belmonte;
- Propor um específico programa por parte do Estado português, tendo em vista a salvaguarda deste património imaterial que é o criptojudaísmo e a sua comunidade “viva”. Apartir da análise das entrevistas que efetuámos, bem como da observação de campo a que procedemos em relação ao grau de “fechamento” da comunidade judaica de Belmonte, foi possível concluir que esta comunidade tem vindo progressivamente a “abrir-se” para o exterior, embora permaneça semifechada, facto que pode constituir, em determinadas circunstâncias, um problema para o desenvolvimento sistemático e sustentado de um produto de turismo cultural para aquela região. Por outro lado, é esse mesmo grau de semifechamento que constitui parte do atrativo cultural que esta comunidade possui para o Turismo-cultural mais global. Parece-nos, assim, que seria desejável uma cuidadosa intervenção, que envolvesse os restantes *stakeholders*, que teriam de partir de a um nível de articulação política e administrativa superior e mais integradora (referimo-nos por exemplo ao papel estratégico que a Agência Regional de Promoção Turística do Centro, pode desempenhar neste processo) de modo a trabalhar os diferentes interesses semióticos neste território
- Por último, e mais importante, propor uma candidatura desta “comunidade viva” e do criptojudaísmo a Património Imaterial da Humanidade, não apenas por ser um património único no mundo, como também pelo facto de esta comunidade se encontrar em risco de extinção, e ainda porque a história desta comunidade constitui um “monumento” a todos os povos que sofreram de alguma forma a opressão e a ela resistiram e sobreviveram.

As principais limitações a este trabalho prendem-se com o facto de este tema ser muito extenso e com diversos pontos possíveis de ancoragem da investigação, nomeadamente:

- Estudo de circuitos turísticos incluindo outras comunidades e territórios com vestígios da presença judaica como Trancoso, Guarda, Caria, Coimbra ou Vilar Formoso;
- Estudo sobre um turismo literário judaico, apoiado por vasto acervo documental, como é a Bíblia de Abravanel e os documentos do Cônsul Aristides de Sousa Mendes, constantes na Biblioteca Joanina em Coimbra;
- Aprofundamento do estudo do criptojudaísmo, como forma de preservação para memória futura;
- A análise que neste trabalho deixou propositadamente de lado uma investigação mais detalhada junto dos diversos *stakeholders* (informais, institucionais, religiosos, políticos, económicos, etc.), que atuam neste território e que têm

perceções e projetos bastante diferenciados (e até por vezes contraditórios) para este território e para esta comunidade.

Um aprofundamento da investigação terá de ser desenvolvido sobre estes e outros aspetos da comunidade judaica e não judaica de Belmonte para que ela possa continuar a manter-se como objeto de turismo cultural e religioso, mantendo-se simultaneamente dinâmica, forte e capaz de gerir autonomamente o seu destino.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. **História da Igreja de Portugal**. Lisboa: Portucalense, 1971.

ASTOUS, G., e BOUJBEL, L. Positioning Countries on Personality Dimensions: Scale Development and Implications for Country Marketing. **Journal of Business Research**, 60 (3), p. 231–239, 2007.

BALOGLU, S., e McCLEARY, K. A Model of Destination Image Formation. **Annals of Tourism Research**, 26 (4), p. 868–897, 1999.

BAPTISTA, M. M. Comunicação Intercultural e Lusofonia - a perspectiva da semiótica da cultura. **Anuário Lusófono**, 2008.

COOPER, C., & DENNER, J. Theories Linking Culture and Psychology: Universal and Community-specific processes. **Annual Review of Psychology**, 49, p. 559–584, 1998.

COSTA, I., PEREIRA, H., Patuleia, M. (2012). O Marketing Turístico Sustentável Orientado para as Comunidades Locais: O Polo de Desenvolvimento Turístico da Serra da Estrela. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, 17/18, 2012.

CROUCH, G., RITCHIE, J. Tourism, Competitiveness and Social Prosperity. **Journal of Business Research**, 44 (3), 137–152, 1999.

DiMAGGIO, P. Culture and Cognition. **Annual Review of Sociology**, 23, 262–287, 1997.

DOLNICAR, S., e GRABLER, K. Applying City Perception Analysis (CPA) for Destination Positioning Decisions. **Journal of Travel & Tourism Marketing**, 16 (2/3), 99–112, 2004.

- ENRIGHT, M., e NEWTON, J. Determinants of Tourism Destination Competitiveness in Asia Pacific: Comprehensiveness and Universality. **Journal of Travel Research**, 43 (4), 339–350, 2005.
- KIM, S., SUN, H., e AP, J. Is There Competition in the Exhibition Market in Asia? Analysis of the Positioning of Major Asian Exhibition Host Cities. **Journal of Tourism Research**, 13 (3), 205–227, 2008.
- KOZAK, M. Destination Benchmarking. **Annals of Tourism Research**, 29 (2), 497–519, 2002.
- LOTMAN, I. La Semiosfera I - **Semiótica de la cultura y del texto** (selección y traducción del ruso por Desiderio Navarro). Valência: Ediciones Cátedra Universitat de Valencia, 1996.
- MARTINS, J. (2011). **Breve história dos judeus em Portugal**. Lisboa: Vega, 2011.
- MILGRAM, A. **Portugal, Salazar e os Judeus**. Lisboa: Gradiva, 2010.
- PIKE, S. Destination Brand Positions of a Competitive Set of a Near-Home Destinations. **Tourism Management**, p. 1-10, 2009.
- SANCHES, J. **Os Judeus no Noroeste da Península Ibérica**. Lisboa: Âncora, 2010.
- SAUR-AMARAL, I. et all. **Projeto: Plano de Marketing da Turismo Centro de Portugal**. IPAMLAB, 2013.
- VEAL, A. **Research Methods for Leisure and Tourism: A Practical Guide**. London: Prentice Hall, 2006.
- WOODSIDE, A., PEARCE, B., e WALLO, M. Urban Tourism: An Analysis of Visitors to New Orleans and Competing Cities. **Journal of Travel Research**, 27 (3), 22–30, 1989.
- ZIMLER, R. **O último Cabalista de Lisboa**. Porto Editora, 2013.